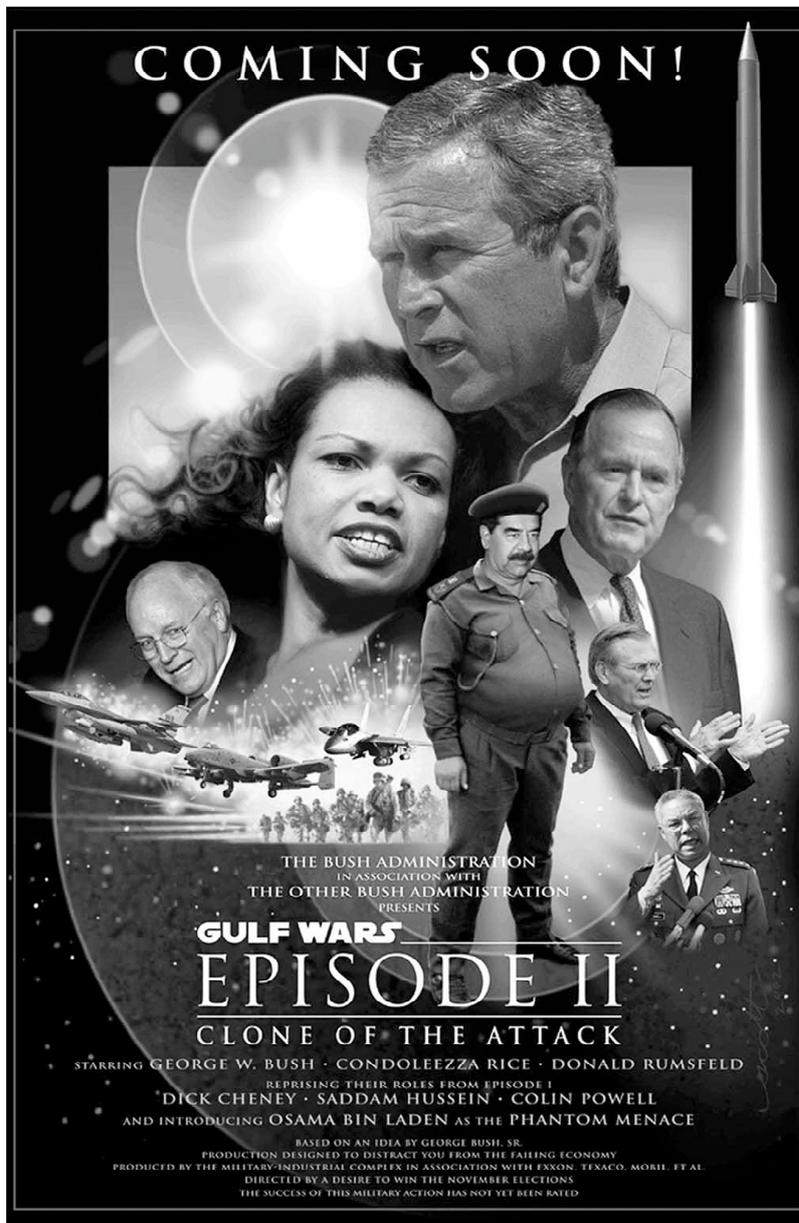


Luz ou trevas

MIGUEL YEN, PAULO HENRIQUE ANDRADE, RAFAELA MIRANDA ROCHA E STELLA GOULART



Paródia de Guerra nas Estrelas – George W. Bush e as Guerras do Golfo

O maniqueísmo é uma doutrina filosófica e religiosa que divide a realidade em dois princípios opostos, ou

dualidades, que se expressam de diferentes maneiras, inclusive – no caso das cores – em “preto” e “branco”. No maniqueísmo não

há espaço para o cinza. Como num muro onde temos de escolher de que lado ficamos, tudo no maniqueísmo é binário, tudo é resolvido como “sim” ou “não”, “bem” ou “mal”, sem “talvez”, sem “depende”, sem meios termos, nuances ou situações intermediárias.

A doutrina foi fundada no século III por Mani, e influenciou desde seitas gnósticas antigas até religiões modernas, contaminando com idéias mitológicas cheias de dicotomias as bases do raciocínio religioso. Idéias hoje por vezes tão entranhadas em nossas mentes, que delas não conseguimos nos libertar. Santo Agostinho, em sua juventude, foi um dos seus mais célebres seguidores, tendo, porém, superado a ideologia maniqueísta após alguns anos, e se convertido enfim ao Cristianismo.

Para Rosana Suarez, professora de História do Pensamento e de Filosofia da Ciência na PUC-Rio, “a luz tende a ser conotada de forma positiva, segundo a tradição do pensamento iluminista ocidental”, sendo ligada à idéia de racionalidade, de certeza, de verdade, enquanto as trevas “costumam ser associadas à escuridão, ao desconhecimento e ao perigo ligado a ele”.

A cor da proteção

Rosana relativiza o conceito maniqueísta atribuído às cores no

caso do contraste entre a raça branca e a raça negra: “a poetisa e atriz Elisa Lucinda, que é negra, disse certa vez que o filho dela associa a cor negra à proteção e não ao perigo, porque esta é a cor da mãe dele”.

A professora destaca o papel do preto e do branco nas vestes dos religiosos da Igreja Católica, sendo o branco o símbolo da pureza, presente na roupa do Papa, e o preto a marca da sobriedade e do respeito, presente na batina dos padres.

Rosana menciona também outras dualidades derivadas do maniqueísmo e sua influência sobre os filósofos: “Temos antagonismos diversos, como vício e virtude, verdade e erro, ou ainda, corpo e alma, ou matéria e espírito, onde, por exemplo, em Descartes, vemos a prevalência do espírito (ou da alma), como algo superior e mais nobre. Filósofos alemães como Hegel e Nietzsche buscaram superar o maniqueísmo religioso – o primeiro buscando uma síntese entre os dois opostos, e o último – autor de *Além do bem e do mal* – substituindo a idéia de um paraíso celestial após a morte, por um bem-estar terreno em vida, no ‘aqui e agora’”.

Já a psiquiatra Annette Trzcina discorda da teoria maniqueísta, pois acredita que os conceitos são culturais e variam de povo para povo. Ela atribui o apelo do maniqueísmo à falta de informação, já que uma pessoa informada questiona e pondera mais, não deixando espaço para conceitos absolutos: “quanto menos informação uma pessoa tem, mais maniqueísta ela é”, afirma Annette.



Simbologia mostrando um cristão que renuncia ao maniqueísmo: mensagem de excomunhão aos que colocam a matéria acima do espírito

A saga Guerra nas estrelas, por exemplo, mostra como o tema (maniqueísmo) é atemporal. O primeiro filme foi lançado em 1977 e o último em 2005. Nesses 28 anos de estórias, a trama se deu em torno da disputa do lado negro da “Força” e seu lado luminoso

O mundo está passando por uma fase na qual a informação está muito acessível e muito rápida, e por isso ela acredita que fica cada vez mais difícil aplicar esses conceitos maniqueístas. “O que é certo e bom para os nômades do deserto pode não ser para os cristãos europeus. Mas hoje vivemos em um mundo globalizado onde podemos ter acesso tanto aos hábitos dos nômades como aos dos cristãos, temos a capacidade de ponderar

e entender que costumes e cultura são relativos”.

O maniqueísmo e as crianças

Apesar de ser uma ideologia discutível, devido ao seu radicalismo, o uso do maniqueísmo como linguagem é bastante sedutor. A dicotomia bem e mal sempre esteve presente na história do homem e é facilmente compreendida por qualquer indivíduo. Para Annette, o apelo do maniqueísmo é exatamente essa simplicidade: é muito mais fácil classificar as coisas em dois grupos distintos e opostos.

Isso explica o uso bem sucedido desse conceito com as crianças: “Enquanto novos, não temos informação o suficiente para entender o mundo e todas as suas nuances, então dependemos da explicação de alguém. O mundo nos é apresentado pelo ponto de vista do outro, ou seja, não entendemos, só identificamos. Passada a fase da identificação, a criança, agora mais velha e com mais capacidade de compreensão, passa a ponderar e já não se contenta mais em receber as

informações, quer entender. “É aquela fase em que eles perguntam por que o tempo todo, e não se contentam com respostas do tipo porque sim. Querem entender as razões que levam algo a ser como é”, declara Annette.

Para explicar a perda do apelo do maniqueísmo na medida em que as crianças vão crescendo, Annette compara o desenvolvimento da visão com o desenvolvimento da mente humana: “Quando nascemos, nós primeiro enxergamos em preto e branco.

Só a partir do terceiro mês começamos a distinguir as cores. Isso acontece porque a nossa íris precisa amadurecer. No início só conseguimos distinguir o claro do escuro, cor e falta de cor. Primeiro visualmente a criança tem menos informação e depois mais informação. O mesmo acontece com os conceitos. Quando pequenos fica mais fácil classificar as coisas como opostos absolutos: bom ou mau, feio ou bonito, etc. Depois, na medida em que vamos crescendo, a informação e a

vivência nos permitem ampliar nossos conceitos e vemos que as coisas não são tão simples assim”.

Um dos exemplos mais explícitos da utilização do conceito maniqueísta está no cinema. Em toda a sua história, a luta entre o bem e o mal foi explorada de diversas formas, o que gerou grandes bilheterias (ver box). O conceito é de fácil entendimento e apela ao instinto mais básico do ser humano: a sobrevivência.

Uma saga de gerações

A saga *Guerra nas estrelas*, por exemplo, mostra como o tema é atemporal. O primeiro filme foi lançado em 1977 e o último em 2005. Nesses 28 anos de histórias, a trama se deu em torno da disputa do lado negro da “Força” e seu lado luminoso. Nesse combate os mais importantes guerreiros eram os *jedis*. Altruístas e altamente treinados, eles defendiam o “bem” não devendo obediência a nenhuma instituição.

É fácil perceber o maniqueísmo presente nas duas trilologias de George Lucas e, aliado à ideologia, o uso das cores como forma de reforçar o contraste de cada um dos lados.

Darth Vader, um dos vilões mais marcantes do cinema, é inteiramente preto. Seu mestre, o imperador, além de vestir um manto preto, tem uma pele pálida que evidencia o tom escuro da vestimenta. A mesma estratégia é usada com o exército do Império (lado do mal): eles usam máscara e armadura brancas, pois são como uma grande massa, pouco relevantes. Assim, o preto usado pelos protagonistas do lado negro da Força é destacado. Já os protagonistas do lado luminoso da Força, os mestres *jedis*, usam roupas pastéis, na grande maioria claras.

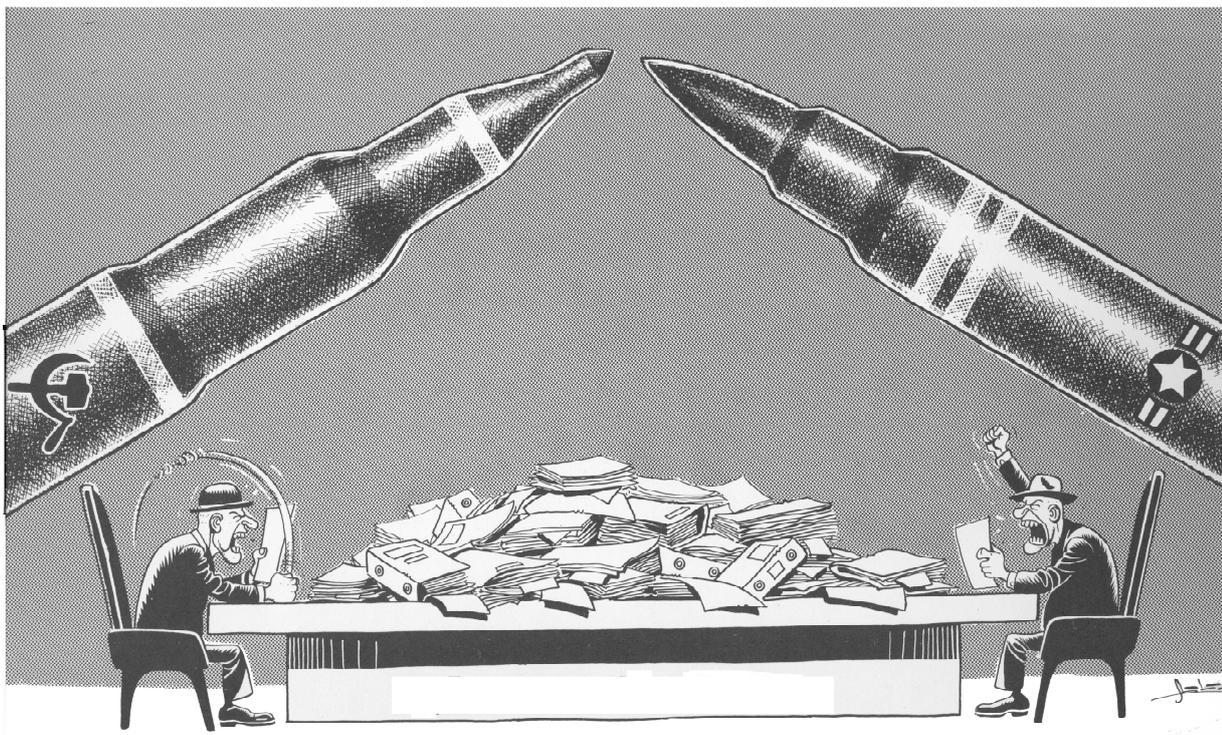
Num dos embates mais simbólicos da saga, no



episódio *O Império contra ataca*, Luke Skywalker e Darth Vader se enfrentam. Nesta luta, Luke está vestido com uma túnica branca e Vader com roupa e máscara pretas. Nesse momento não há nenhuma ligação entre os dois – Luke simboliza o bem, e Vader o mal. Já no último episódio, os dois oponentes travam outra luta. Des-

ta vez, no entanto, Luke tem consciência de que Vader é seu pai e que o deseja como aliado no lado escuro da força. Nesse embate, Luke está de preto e fica o mistério se ele cederá à vontade do pai e trocará de lado. A veste usada por Luke nessa luta foi exclusiva. Normalmente os *jedis* usam o mesmo uniforme com detalhes diferentes.

A concepção de uma eterna luta entre o bem e o mal está presente na maioria esmagadora de nossos mitos, histórias, contos infantis, seriados de TV, filmes, histórias em quadrinhos, videogames, etc., mas essa luta não se restringe apenas à ficção. Filmes como *Guerra nas estrelas* continuam fazendo sucesso e atraindo fãs de todas as idades porque de alguma maneira mostram nas telas o que nós esperamos ver na vida real: o bem vencendo o mal.



Culpado é o outro

Violência, pobreza e doenças são exemplos de males reais que o homem tenta combater desde os seus primórdios. Hoje em dia, pensamentos maniqueístas permeiam todas as questões das sociedades modernas. A busca por um culpado pelos problemas do homem é a tentativa simplista de resolver esses males que, na verdade, são muito mais complexos e difíceis de extinguir. A história está repleta de momentos em que pessoas ou nações auto proclamadas “boas” declararam guerra àqueles identificados por eles como “maus”.

A propaganda nazista contra os judeus, por exemplo, desenvolveu no inconsciente do povo alemão o que este já continha de preconceito e racismo. Primeiramente, o alemão ariano e cristão tinha herdado a crença de que os judeus eram os assassinos de Cristo e representavam o

diabo ou todas as forças do mal, na Terra. Assim como Cristo comanda o mundo espiritual, o diabo comanda o mundo material – dinheiro, poder e sexo.

Em segundo lugar, os judeus foram associados a esses três elementos materiais, principalmente o dinheiro. No período nazista, as crianças alemãs eram educadas para estigmatizar os judeus, com desenhos e histórias associando-os ao mal ou ao diabo. Por fim, a propaganda nazista foi sistemática contra os judeus, explorando o simplismo do pensamento maniqueísta. Começaram associando os judeus a traças, piolhos e vermes que “comoiam a economia alemã”. Em verdade, tal propaganda preparava o espírito coletivo alemão para a chamada “solução final” ou medida “higiênica” de extermínio em massa de todo o povo judeu.

Outro exemplo foi o período da

Guerra Fria. O presidente norte-americano, Ronald Reagan, fazia declarações apontando os soviéticos como a encarnação do demônio. Depois, George Bush fez o mesmo com Saddam Hussein. Hoje, George W. Bush, atual presidente americano, personifica o mal em Osama bin Laden e declara, em bom discurso maniqueísta, que quem não está com os EUA, está a favor dos terroristas. Os fundamentalistas islâmicos usam do mesmo maniqueísmo contra os norte-americanos, chamando-os de “Grande Satã”, e a Israel de “Pequeno Satã”. São mais que discursos, são preparativos para ações de destruição do mal em nome do bem.

Sendo o maniqueísmo uma simplificação do modo de pensar a vida, todo o sistema social que sobre ele se monta é necessariamente dogmático, violento, intolerante e também fadado ao desmoronamento. ☯